

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT01.119

# FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS

Hanna Tamires Gomes Corrêa Leão Teixeira<sup>1</sup>

## RESUMO

A pesquisa teve o objetivo de desenvolver com educadoras e educadores da educação infantil uma práxis pedagógica freireana de prevenção à violência sexual contra crianças. Partiu do problema: como o pensamento educacional de Paulo Freire contribui para reflexões-ações de educação infantil preventivas à violência sexual contra crianças? Esse crime contra a infância é praticado principalmente em casa, logo, é crucial que a escola assuma protagonismo em saber proteger crianças. Os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022) revelam que a maioria dos casos acontece enquanto as crianças e adolescentes estão no Ensino Fundamental. Assim, para haver uma efetiva prevenção, a Educação Infantil é o contexto mais indicado. A metodologia da pesquisa constitui uma pesquisa-ação colaborativa; de tipo participante (Brandão, 2003); com abordagem qualitativa. Os seus procedimentos são diagnose dos saberes prévios das professoras e professores a respeito do tema; e círculos de cultura em formato de oficinas, dando condições para que os sujeitos possam identificar situações de risco, indícios de violência, estratégias de prevenção, tal como a criação de planos de ação a partir de Paulo Freire, que contribui com sua pedagogia da autonomia e do diálogo. O referencial bibliográfico versa sobre erotização infantil (Kilbourn;

1 Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Pará - UEPA. Docente da Universidade Federal do Amapá- UNIFAP, hannaleao@unifap.br

Levin, 2009); Ser criança a partir de Arroyo (2007), Campos (2019) e Santos *et al* (2022); educação e ética (Oliveira, 2006) educação sexual (Figueiró, 2018, 2010); violência (Dussel, 1993); violência sexual (Sanderson, 2005); o papel da escola no Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente (Rovinski; Pelisoli, 2019). Além desses autores e autoras, Freire (2020, 2015a, 2015c, 1993) está de forma transversal a contribuir em diferentes partes da Tese, apontando como resultado seu potencial epistemológico e metodológico para a elaboração de uma pedagogia de prevenção fundamentada em autonomia, diálogo, dizer sua palavra, escuta, humanização, violência e sexualidade.

**Palavras-chave:** prevenção, violência, crianças, Paulo Freire.

## INTRODUÇÃO

Tratamos aqui a formação de professores para prevenção à violência sexual contra crianças com o objetivo de desenvolver com educadoras e educadores da educação infantil uma práxis pedagógica freireana de prevenção à violência sexual contra crianças. Partiu do problema: como o pensamento educacional de Paulo Freire contribui para reflexões-ações de educação infantil preventivas à violência sexual contra crianças? Trata-se de um recorte de Tese de doutorado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará no final do ano de 2024.

Temática vivenciada por meio de círculos de cultura a partir de obras freireanas e de obras que tratam sobre a **sexualidade** e a infância, tal como sobre a problematização da erotização infantil; a discussão também perpassa pela **educação**, tanto a educação sexual quanto o caráter ético da educação; aborda também autores sobre a **violência** e a especificidade da violência sexual; e por fim, o papel da **escola** na prevenção e no Sistema de Garantia de Direitos.

Na temática sexualidade e infância, damos destaque à problematização da erotização infantil, trabalhada por Kilbourn e Levin (2009). Para pensar o ser, o sujeito criança, que se desenvolve a partir da sua inteireza, inclusive da sua sexualidade e de seus traumas, traçamos reflexões a partir de Arroyo (2007), o qual discorre sobre não termos imagens únicas e perfeitas da infância, Ramos (2000) que traça o histórico da infância no Brasil, e Sarmiento (2004;2009), o qual aponta a importância de olhar para as crianças como atores sociais.

Na bibliografia sobre educação, damos ênfase ao caráter ético e libertador dela (Oliveira, 2006) e à potencialidade em desenvolver uma educação sexual. A respeito da educação sexual, Figueiró (2018) nos auxilia a compreender o lugar da afetividade e da importância de se desenvolver uma educação em sexualidade e uma formação crítica aos professores e professoras.

Sobre a violência, Dussel (1993) e Chauí (2003) refletem sobre o caráter desumanizador dela. Já Sanderson (2005) acrescenta a esses saberes detalhando a definição, os sintomas, as suspeitas, as consequências etc. da violência sexual.

A escola aparece na bibliografia da Tese a partir do papel da escola no Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente (Rovinski; Pelisoli, 2019); já o papel da escola no enfrentamento à violência sexual, é apresentado por Campos (2019) e Figueiró (2018) em uma perspectiva geral e Rocha et al (2011), Lirio (2013) e Machado (2014) apresentam perspectivas a partir do Pará.

Paulo Freire de forma transversal tem contribuições à temática da infância, sexualidade, violência e escola, com destaque às obras Pedagogia do Oprimido (Freire, 2015a), que apresenta uma educação dialógica como possibilidade de transformação e libertação; pedagogia da autonomia (Freire, 2016c), na qual os saberes necessários à prática docente também são necessários à uma educação sexual protetora e preventiva e pedagogia da indignação (Freire, 2016d) onde o autor evidencia a necessidade de educadores e educadoras posicionarem-se eticamente contra as mazelas que afligem a sociedade, entre as quais: formas de opressão, de desigualdades sociais, preconceitos, abusos sexuais e diferentes violências.

## METODOLOGIA

A pesquisa se deu com profissionais da rede pública de educação infantil da cidade de Belém do Pará, 33 professoras e professores se voluntariaram a refletir em colaboração sobre prevenção à violência sexual contra crianças. A sistematização dos dados foi efetivada tendo por base os registros das rodas de conversas, do levantamento da realidade; dos círculos dialógicos formativos freireanos, da observação participante e dos diários de campo; além da sistematização das ações de prevenção nas escolas.

Para analisar esses dados, foi utilizada a lógica da tematização freireana que, segundo Oliveira (2024, p.17-18):

Parte de temáticas significativas levantadas por meio de categorias teóricas ou de categorias emergentes das falas dos sujeitos. Posteriormente, realiza o que Freire denomina de “redução temática”, retirar das temáticas, palavras geradoras ou problemáticas expressas nas narrativas, textos, imagens ou outras estratégias realizadas com e produzidas pelos sujeitos, buscando analisar as suas codificações, cujas representações possibilitam compreender e ampliar a realidade percebida pelos participantes da investigação, bem como a sua situação de sujeitos de conhecimentos. Efetiva um processo de descodificação, que consiste na leitura e compreensão crítica da realidade codificada, descrevendo a situação e estabelecendo a relação entre as partes e o todo. Deste movimento emerge o que Freire (1987) denomina de “tema dobradiça”, isto é a identificação de novos temas, que contribuem para a organização e análise do texto da pesquisa.

As categorias de análise foram traçadas no decorrer da pesquisa, a partir do contato com a realidade, todavia, partimos o estudo das categorias analíticas: educação sexual; educação freireana e prevenção à violência sexual.

Essas categorias analíticas foram trabalhadas como temáticas de debates nos círculos dialógicos com os participantes da pesquisa, das quais foram retiradas palavras geradoras, que após serem agrupadas ampliaram as discussões e possibilitaram a criação de temas dobradiças, isto é, novos temas para reflexão sobre o tema.

#### Exemplo

Temática significativa

Educação sexual

Palavras geradoras

Conhecimento/ cuidar/rede de proteção/ alerta/segurança

Temas dobradiças

Educação sexual é conhecimento

Educação sexual é cuidar

Educação sexual é rede de proteção

## Educação sexual é alerta Educação sexual é segurança

Assim, foram também utilizadas categorias analíticas e categorias temáticas definidas por Oliveira e Mota Neto (2011) respectivamente como retiradas do referencial teórico e como oriundas dos dados coletados na concretude da pesquisa. Todo esse processo de categorização possibilita que a temática seja estudada como um todo e nas suas particularidades ao mesmo tempo, a partir da organização dos dados, a qual permite que pesquisadores se apropriem do fenômeno em análise e criem novas possibilidades.

Cuidados éticos da pesquisa foram tomados, como o envio do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), aprovado pelo parecer de número 6.943.053 (anexo 1), e a assinatura dos professores e gestores do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme as Resoluções 510/2016 e 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Quanto aos riscos, a exposição do participante sobre o que pensa acerca de determinados temas; permitir que o pesquisador acompanhe suas práticas, seja como observador participante ou seja, com intervenções planejadas; significa já um risco na pesquisa. Em face desta situação, este estudo se preocupa e se compromete a manter o sigilo ético de todas as pessoas que o integram.

No que se refere aos benefícios do estudo, compreende-se que profissionais que se voluntariarem à construção dessa pesquisa, que visa à proteção de crianças, poderão ter estratégias e conhecimentos capazes de identificar sujeitos que passaram por situações de abuso e educar crianças para a prevenção desse tipo de violência.

O tipo deste estudo envolve uma dinâmica colaborativa, desta maneira, se propõe a elaborar em coletividade uma pedagogia de prevenção à violência sexual contra crianças, por meio da formação permanente. Os dados coletados foram digitados e armazenados em nuvem de forma virtual por tempo indeterminado. Nos resultados e discussões das formações apresentados a seguir continuamos a detalhar a metodologia desse processo formativo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A formação de professoras e professores ocorreu em quatro momentos com o coletivo de docentes da educação infantil da cidade de Belém em um auditório da Universidade do Estado do Pará: o primeiro, a diagnose, por meio de rodas de conversas; o segundo, através dos círculos de cultura de formação freireana para prevenção, envolvendo estudos sobre o tema e a elaboração dos projetos; o terceiro, acompanhamento da implantação dos projetos e o quarto, a partilha dos relatórios das experiências desenvolvidas por cada escola participante.

O registro dos dados da pesquisa não se deu por meio de entrevistas ou questionários, mas sim por meio da observação participante, com todas as falas registradas em diário de campo, além da gravação de áudio e transcrição de todos os encontros, além da análise dos projetos e relatórios de aplicação deles.

Essa escolha se deu pois na observação participante o observador passa a ser integrante da estrutura na qual atuará, sendo um processo que transforma o contexto e é por ele transformado, assim, possibilita profundidade e singularidade quanto aos dados obtidos.

Neste momento da pesquisa, os dados foram elaborados e ree laborados conforme a realidade dos indivíduos com a participação da pesquisadora. A partir disso, nota-se a necessidade de a observação ser “controlada e sistemática”, conforme Lüdke e André (1986, p. 25), a fim de captar de forma mais clara na realidade o foco da pesquisa. A observação, enquanto método de coleta de dados, ainda de acordo com Lüdke e André (1986, p. 26), é:

usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno.

Com isso, a observação participante é importante para a pesquisa-ação colaborativa, a qual parte da experiência dos sujeitos, seus saberes e conhecimentos de mundo. Importante para acompanhar e analisar o processo de elaboração de uma pedagogia de prevenção à violência sexual contra crianças, pedagogia de proteção elaborada a partir de educadoras e educadores da educação infantil da cidade de Belém-Pa. Com o intuito de aprender com todo esse processo, foi utilizado o roteiro de observação e de diário de campo.

Para Cachado (2021) um diário de campo de qualidade contribuiu para que a pesquisa qualitativa enfrente críticas quanto à subjetividade. Para além da etnografia malinoviskiana, não há uma única forma de realizar um diário, contanto que registre uma compreensão da realidade sem falseá-la. Nesse sentido, foram registradas no diário: a sequência da atividade, os materiais utilizados, as percepções dos participantes expressas em palavras, gestos e olhares.

**O levantamento da realidade** se deu a partir das falas dos docentes, por meio de rodas de conversas, foi um momento crucial para a pesquisa colaborativa, pois durante esse momento foram verificadas as primeiras impressões que os sujeitos possuíam a respeito da temática, como já foram atravessados ou não por ela, as dificuldades de enfrentamento e o que gostariam de saber sobre a prevenção à violência sexual contra crianças da educação infantil e quais propostas sugerem para a prevenção no ambiente escolar.

Em seguida, a formação aconteceu por meio de **círculos de cultura de formação freireana**, os quais ocorreram em formato de oficinas (figura 3): as oficinas dialógicas para estudo e debate sobre o tema e as oficinas de criação de prevenção, para que os próprios profissionais criassem atividades de prevenção a serem vivenciadas nas escolas.

Partimos dos questionamentos de Brandão (2003, p. 16): “por que não aprender a viver pesquisa com elas, em vez de apenas realizar investigações experimentais sobre elas?”, será que as próprias professoras e

professores não têm aprendido a pesquisar e escrever sobre suas próprias experiências?

**Figura 1:** círculo de cultura da pesquisa de campo



**Fonte:** registro da pesquisa de campo, 2024

Os círculos dialógicos formativos em oficinas ocorreram em torno das temáticas a seguir:

1. Sexualidade: Educação sexual; educação emocional; desenvolvimento infantil; responsáveis pela proteção; e fatores de risco.
2. Violência sexual: dados do Brasil e do Pará; erotização infantil; tipos de violência sexual; consequências; suspeita de abuso sexual; escuta especializada; como realizar uma notificação; e sistema de garantia de direitos.
3. Escola, Freire e prevenção: educação libertadora; tema gerador; situação limite; ação-reflexão; e autonomia.

A escolha por essas temáticas se deu a partir da pesquisa bibliográfica e documental mencionada anteriormente, a qual demonstrou a necessidade de os profissionais da educação conhecerem a sexualidade em sua



amplitude e perceberem as potencialidades na educação sexual para a prevenção de violência contra crianças. Além disso, há importância em conhecer os dados reais sobre violência sexual a partir do Anuário de Segurança Pública (Brasil, 2023), que ajudam a identificar possíveis casos. Também foi importante trabalhar uma pedagogia freireana por toda sua potencialidade metodológica e epistemológica de enfrentamento e pela partilha dos participantes a respeito.

Os círculos dialógicos ocorreram por meio de encontros semanais com a seguinte organização e metodologia, durando um ou dois dias cada tema. Inicialmente, os professores receberam um kit de participantes que nos auxiliou em todos os encontros e temas.

Esse kit, conforme figura 4, continha um crachá, pela importância de todos se conhecerem pelo nome durante os diálogos; o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias; um livro infantil intitulado Pipo e Fifi, de Arcari (2018), livro de prevenção à violência sexual em duas versões: uma para bebês e outra para crianças pequenas; além de caneta e caderno, para anotações pessoais e às vezes desenhos ou imagens partilhadas com o grupo.

**Figura 2:** kit de participantes colaboradores



**Fonte:** registro de pesquisa de campo, 2024

Em seguida, detalhamos como se deu a abordagem de cada temática. Entretanto, cabe destacar que as temáticas estão divididas em momentos somente com fins de organização didática, porém, a partir da colaboração e da necessidade do grupo, alguns momentos foram retomados e vivenciados mais de uma vez. Os momentos planejados não foram enrijecidos e seguidos obrigatoriamente na organização apresentada.

É importante apresentar também os recursos utilizados no decorrer desses círculos dialógicos e de criação. Como recursos humanos, destacamos, além dos participantes que se voluntariaram para serem colaboradores da pesquisa e da pesquisadora que propõe a tese, seis auxiliares de pesquisa, todos pedagogos ou estudantes do curso de pedagogia, os quais foram essenciais para a gravação, transcrição, registros e afetos durante todos os encontros de formação de professoras e professores.

Como recursos materiais, foram utilizados, além dos kits já mencionados, gravador de voz, diário de campo, projetor multimídia, computador, caixa de som, microfone, cartolinas, caneta hidrocor, barbante, impressões e livros infantis de educação emocional e/ou sexual, os quais ficavam sempre expostos para utilização e consulta, conforme fotografia a seguir (figura 5):

**Figura 3:** livros utilizados como recursos durante os círculos



**Fonte:** registro de pesquisa de campo, 2024

A seguir, apresentamos todos os temas trabalhados nos círculos dialógicos formativos, tal como sua metodologia, a fim de que essa pesquisa possa ser reinventada em diferentes contextos e de situar o leitor a respeito de como se deu o processo de produção simbólica dos dados da pesquisa.

## TEMA 1: SEXUALIDADE

**1º momento:** exposição dos dados que justificam o círculo dialógico com a temática de prevenção à violência sexual.

Foram demonstrados os dados referentes ao alto investimento no mercado da pedofilia, que no ano de 2000 girava em torno de 3 bilhões de reais investidos em sites (Sanderson, 2005), o que evidencia que os abusadores têm sido intencionais em investir na violência, logo, a sociedade também precisa de agentes intencionais em investir tempo, recursos e energia na proteção de crianças.

Além disso, apresentamos um gráfico demonstrando o número de notificações de casos nos últimos anos e pedimos para os participantes analisarem, os quais perceberam que em 2019 e 2020 o número diminuiu consideravelmente, interpretaram que não foram os casos que diminuíram durante a pandemia, mas o contato das crianças com outras pessoas que poderiam atuar como rede de proteção para realizar essas notificações, tal como a escola.

Apresentamos também a imagem de um bolo com uma vela de 5 e uma vela de 12 em cima. Os participantes compreenderam como a principal faixa etária em que os abusos acontecem. Esse dado justifica a importância da educação infantil se posicionar enquanto prevenção, visto que a maioria dos casos ocorre quando a criança está no Ensino Fundamental.

**2º momento:** Informes sobre os círculos dialógicos

Defendemos que uma forma de superar esses dados é sermos intencionais em pensar e agir a respeito, por isso esses círculos dialógicos formativos foram idealizados como trabalho coletivo, coparticipado,

lugar de compartilhar conhecimento, realidades, experiências e esperanças sobre a prevenção à violência sexual contra crianças.

Cada sujeito envolvido na pesquisa ocupa um papel único e singular e, por isso, tem a possibilidade de dizer a sua palavra, compartilhando saberes e construindo em colaboração uma pedagogia de prevenção. Realizamos orientação sobre a dinâmica dos círculos de cultura como espaço de troca de sentimentos, de percepções, de crenças, de opiniões, de saberes e de conhecimentos. Destacamos que todos precisam estar atentos à fala de cada um dos interlocutores e são livres para dizer a sua palavra, conforme forem se sentindo desafiados ao debate.

### **3º momento:** Diálogo-problematizador

O tema sexualidade foi introduzido com a pergunta: “Com quem e com quantos anos você descobriu o que é sexo?” Houve o debate da diferença entre sexo e sexualidade; como a sexualidade se manifesta de forma diferente em adultos e em crianças; a educação sexual se dá com preparo, intencionalidade, parceria e utilização de recursos lúdicos; o sujeito criança foi apresentado como curioso e há um desenvolvimento sexual infantil: comportamentos sexuais típicos e atípicos; além disso, abordamos a educação emocional como crucial para que nossas crianças aprendam a dizer a sua palavra e tê-la respeitada, além de reconhecer e lidar com as emoções, conhecer formas saudáveis de se relacionar, saber o que é consentimento, empoderamento infantil, partes íntimas, partes privadas e identificar situações de violência.

### **4º momento:** Registro e debate

Registro individual com desenho ou palavra-chave do que entendem por educação sexual. Em seguida, ao som de uma música, todos os participantes circularam pela sala em busca de temáticas semelhantes às suas a fim de montarem grupos de debate. Com os grupos formados, os participantes socializaram suas produções individuais e elaboraram uma produção coletiva sobre a temática cara ao grupo; em seguida, apre-

sentaram e debateram as produções no coletivo. Essa primeira temática ocorreu em dois dias de encontros presenciais e debates via grupos por meio do celular.

## TEMA 2: VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS

**1º momento:** A cada tema apresentado a seguir, os participantes responderam se já tinham conhecimento ou não sobre esse tema, em seguida relataram onde tiveram acesso e o que entendem sobre; após a fala dos participantes, a pesquisadora apresentou os dados científicos<sup>2</sup> e retornamos à fala dos participantes para discutirmos se e como o tema pode contribuir para uma pedagogia de prevenção.

Os temas foram:

- a. Violência; violência sexual X exploração sexual; tipos de violência: com contato físico, sem contato físico e por meio digital.
- b. Impactos sobre a vítima criança: medo, vergonha, culpa, ansiedade, solidão, depressão, podendo chegar à morte. Fatores que interferem: idade da vítima, duração e frequência, tipo de atividade sexual não é o maior determinante do quanto o abuso afetará a criança. Freire (2015a) destaca que a opressão altera a formação do indivíduo e principalmente sua formação de ser mais humano.
- c. Sinais de alerta e suspeita de abuso sexual: As crianças mais demonstram do que relatam abusos, tendo isso em vista, debatemos sobre os efeitos emocionais, interpessoais, sexuais, cognitivos e físicos, que podem ser consultados a partir da página 99.
- d. Características de possíveis abusadores: Sanderson (2005, p. 53): “Se pudermos entrar na mente de um pedófilo [...] seremos capazes de identificar como os pedófilos escolhem as crianças, como a aliciam para aceitar o abuso e que estratégias utilizam para impe-

2 Dados detalhados na seção 4, a partir da página 122.

dir que ela revele o abuso para outras pessoas. Quando se está munido de informações detalhadas, há possibilidade de proteger as crianças de serem abusadas sexualmente”. Não parecem suspeitas, aliciam primeiramente os pais, responsáveis e professores para então aliciar as crianças; são adultos que apresentam atitudes exageradas de afeto e presentes; ou predileção exagerada por uma criança, o contrário também se aplica.

- e. Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente: O sistema de garantias só possui sucesso se ocorrer de forma integrada, pois todos possuem responsabilidades em proteger a infância. Debate sobre o encaminhamento correto a partir do artigo 11 do decreto 9603/18 e sobre o papel das redes de ensino.
- f. Escuta especializada: a partir do exposto, a partir da página 100 discutimos o quadro 20 a seguir:

**Tabela 1:** infográfico da escuta especializada



**Fonte:** elaboração própria, 2024

- g. Notificação de suspeita é diferente de denúncia, se houver suspeita ou relato pela vítima deve obrigatoriamente haver a notificação no Disque 100, aplicativo Proteja Brasil, ligar para o promotor de justiça da cidade, na SEMEC deve ser realizada a notificação no aplicativo guardiões, e encaminhamento a um dos órgãos compe-

tentes: rede de saúde, caso haja necessidade; rede de assistência social (Centro de Referência de Assistência Social/CRAS ou Centro de Referência Especializado de Assistência Social/CREAS); conselho tutelar; Delegacia Especializada de Proteção à Criança e Adolescente.

Esse primeiro momento foi de muita partilha com os participantes, os quais, em todos os temas, trouxeram relatos de como tem sido a vivência nas suas escolas, as fragilidades e os avanços.

**2º momento:** Nos pequenos grupos formados na temática anterior, os participantes se reuniram para dialogar sobre a presença ou não da violência sexual, discutindo se na sua vivência na área da educação já tiveram contato ou não com algum caso de violência sexual contra crianças.

**3º momento:** Ainda em grupos, os participantes debateram com maiores detalhes sobre a escuta especializada e organizaram duas dramatizações demonstrando como reagir ou não em casos de acolhimento de um relato de uma possível vítima ou caso se deparassem com sinais que indiquem um possível abuso.

**4º momento:** Cada grupo apresentou duas dramatizações e o grupo maior identificava qual delas era a forma esperada de escuta especializada e qual não deveria ser realizada, apontavam o que poderia ser corrigido para que a criança fosse melhor acolhida e encaminhada. Essa temática também teve duração de dois dias presenciais e conversas semanais de debate entre os grupos por meio de e-mail ou telefones.

### TEMA 3: ESCOLA, FREIRE E PREVENÇÃO

**1º momento:** O encontro teve início com a apresentação de dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Fórum Brasileiro de Segurança

Pública, 2023) que demonstram a importância do professor se posicionar como agente de proteção da infância. Após isso, os colaboradores foram instigados a pensar e dialogar sobre o que têm se mostrado como desafiador em realizar essa proteção nas escolas, perpassando pela formação dos profissionais, pelas fragilidades de ações isoladas e pelo medo em se posicionar.

**2º momento:** A partir das dificuldades mencionadas pelos pedagogos presentes, afirmamos que uma forma de superá-las é desenvolvendo uma pedagogia de constante intencionalidade em formar crianças autônomas e partilhar experiências exitosas do nosso cotidiano em formar crianças preparadas para se protegerem e/ou capazes de identificarem situações de opressão e saberem dizer a sua palavra. Diante disso, apresentamos um varal de palavras caras à proteção à violência sexual contra crianças e orientamos que cada participante escolhesse uma palavra ou um dos papéis em branco para escrever uma palavra que considerasse chave na prevenção ao abuso e que tem tido vivência com essa palavra.

As palavras escolhidas para já estarem nos papéis foram termos presentes no pensamento freiriano a partir da questão problema da presente investigação, de como Paulo Freire contribui para prevenção. As palavras foram: silêncio, diálogo, pergunta, dizer a sua palavra, temas geradores, situação limite, empoderamento, confiança, corpo, autonomia, liberdade, ser mais, consciência, esperança, indignação, medo/ousadia e opressão. Cada uma delas foi impressa duas vezes e tivemos dez papéis em branco.

**3º momento:** Após cada participante olhar as palavras do varal e fazer a sua escolha, ou escrever uma palavra nova, voltamos ao círculo dialógico onde cada um expôs a palavra escolhida e o porquê. Somente duas participantes escolheram escrever as suas palavras, porém, também as expuseram com um viés freireano, as palavras extras foram: escutar e aprender.

## TEMA 4: CÍRCULOS DE CRIAÇÃO:

A elaboração das propostas de práticas de prevenção aconteceu de forma concomitante aos círculos dialógicos. Além das reflexões sobre os temas e sobre as práticas, eram constantemente compartilhadas estratégias, recursos, temas, abordagens e materiais que poderiam ser utilizados nos projetos de prevenção. Assim, durante os momentos de debate com o coletivo, nas conversas em grupos menores e/ou nas falas exclusivamente com a pesquisadora pessoalmente, via e-mail e via WhatsApp, ideias eram ventiladas e reelaboradas a partir da realidade de cada escola ali representada.

Já o acompanhamento das implementações nas escolas também foi feito por meio de conversas presenciais, via e-mail e via WhatsApp, com o compartilhamento e diálogo sobre esboços de relatórios, vídeos, fotos e transcrições das ações freireanas desenvolvidas.

Por fim, houve a **partilha da sistematização das práticas de prevenção**, que se efetivou por meio dos relatórios compartilhados e discutidos com o grupo. Ao fim dos círculos dialógicos e de criação, tivemos uma pausa de um mês nos encontros presenciais e mantivemos contato por e-mail para diálogo sobre as ações e o registro delas. Alguns participantes realizaram o planejamento em grupo e outros de forma individual por escola.

Após as práticas vivenciadas e registradas nas escolas pelos colaboradores da pesquisa, houve o compartilhamento por meio de relatório de sistematização das práticas e houve o debate em círculo dialógico. Os relatórios foram debatidos por meio de exposição em conversa, em fotos, em compartilhamento de materiais utilizados e por meio de encenação da prática, de marcha/caminhada em prol da infância.

Durante o círculo dialógico de partilha de práticas, houve relato de casos descobertos a partir dos dados discutidos na pesquisa, houve reflexão sobre fragilidades/erros cometidos pelas escolas em casos anteriores de notificação e encaminhamento de dados e houve o relato de práticas

com crianças, com professores, com servidores, com pais, com a comunidade e com a rede de proteção, como detalharemos a seguir nas seções de análise da pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho demonstramos o desenvolvimento com educadoras e educadores da educação infantil de uma práxis pedagógica freireana formativa de prevenção à violência sexual contra crianças. Os principais resultados dizem respeito a compreender a sexualidade como parte fundante da vida de qualquer indivíduo, inclusive de crianças da educação infantil, o que suscita a necessidade de professoras e professores estarem aptos a trabalhar com a temática como um todo e compreenderem os diversos potenciais que a educação sexual possui, dentre eles o de promover a prevenção à violência sexual contra crianças.

Deixamos evidente a necessidade de diálogo com diferentes áreas para formação docente com perspectiva freireana, são necessários conhecimentos da psicologia, da assistência social, do campo jurídico e de toda rede de proteção. Em contrapartida, os próprios conhecimentos construídos no chão da escola a respeito da educação sexual também são de suma importância e merecem espaços de debate e socialização como os vivenciados nessa pesquisa.

Os resultados expandidos dessa temática podem ser encontrados na tese “Criança com autonomia é mais protegida: práxis freireana a partir da educação infantil para prevenção à violência sexual” e a partir da pesquisa reiteramos a necessidade de mais vivências sobre sexualidade e todo seu processo formativo para além da prevenção a violência, mas como possibilidade de formação do ser mais.

## REFERÊNCIAS

ARCARI, Caroline. *Pipo e Fifi: ensinando proteção contra violência sexual*. 9. ed. São Paulo: Caqui, 2018. Arroyo (2007),

ARROYO, Miguel. **Imagens Quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis: Vozes, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003 (Série saber com o outro; v.1).

CACHADO, Rita. Diário de campo: um primo diferente na família das ciências sociais. **Sociologia & Antropologia** [online]. 2021, v. 11, n. 02 [Acessado 10 Novembro 2022], pp. 551-Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2238-38752021v11n2>>. Epub 22 Out 2021. ISSN 2238-3875. <https://doi.org/10.1590/2238-38752021v11n2>.

CHAUÍ, Marilena. Ética, política e violência. In: Camacho, Thimoteo (Org.). **Ensaio sobre violência**. Vitória: EDUFES, 2003.

DUSSEL, Enrique. **1492 o encobrimento do outro**: a origem do mito da modernidade. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

FERRARI, Delka; VECINA, Tereza. **O fim do silêncio na violência familiar**: teoria e prática. São Paulo: Editora Agora, 2002.

FIGUEIRÓ, Mary Neide. Sexualidade e afetividade. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide. **Educação sexual**: saberes essenciais para quem educa. Curitiba: CRV, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015d.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015a.

KILBOUME, Jean; LEVIN, Diane. **A infância perdida**: como orientar nossas crianças na era da sexualidade precoce. Boston: Gente, 2009. Lirio (2013)

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação**: abordagem qualitativa. São Paulo - SP: EPU, 1986.

MACHADO, Cláudia. **Educação e direitos humanos**: trajetórias de Porto Alegre no enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes. 2014. 312 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 7-23, 1999. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81231999000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81231999000100002&lng=en&nrm=iso)>. Access on 20 Set. 2020.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Pesquisas em educação na abordagem decolonial**: pressupostos epistemológicos e metodológicos. (mimeo). Belém: PPGED-UEPA, 2024.

OLIVEIRA, Ivanilde. **Filosofia da Educação**: reflexões e debates. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

OLIVEIRA, Ivanilde; MOTA NETO, João Colares. A construção de categorias de análise na pesquisa em educação. In: MARCONDES, M; OLIVEIRA, I; TEIXEIRA, E. **Abordagens Teóricas e Construções metodológicas na Pesquisa em Educação**. Belém: EDUEPA, 2011.

PELISOLI, Cátula. **Psicologia e as relações com a justiça**: práticas, conhecimento e tomada de decisão em situações de abuso sexual. 242 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientadora: Dra. Debora Dalbosco Dell'Aglio. Porto Alegre, 2013.

ROMANOWSKI, Joana; ENS, Romilda. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. **Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set-dez. 2006. Disponível em <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/24176>>. Acesso em 05 jul. 2021.

SANDERSON, Christiane. **Abuso Sexual em crianças**: fortalecendo pais e professores para proteger crianças contra abusos e pedofilia: São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, Manuel. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e**

**Miúdos:** perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto, Portugal: Asa Editores, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Estudos da infância e sociedade contemporânea: desafios conceptuais. **Revista O Social em Questão**. Revista da PUC-Rio de Janeiro, XX, nº21, p. 1-31, 2009.